

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Geociências  
Licenciatura em Ciências da Natureza

Isabela Selau Pereira

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS  
AULAS DE CIÊNCIAS DA NATUREZA  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

Porto Alegre

2022

Isabela Selau Pereira

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS  
AULAS DE CIÊNCIAS DA NATUREZA  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de licenciada em Ciências  
da Natureza do Instituto de Geociências da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Valdete dos  
Santos

Porto Alegre

2022

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Isabela Selau Pereira

### **INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS AULAS DE CIÊNCIAS DA NATUREZA**

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de licenciada em Ciências  
da Natureza do Instituto de Geociências da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Valdete dos  
Santos

**Aprovada em:** Porto Alegre, 4 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Valdete dos Santos  
Orientadora – UFRGS

---

Dra. Juliana Ferreira Boelter  
UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra dos Santos Andrade  
FACED - UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

PEREIRA, ISABELA SELAU  
INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO  
AUTISTA NAS AULAS DE CIÊNCIAS DA NATUREZA / ISABELA  
SELAU PEREIRA. -- 2022.  
34 f.  
Orientadora: SIOMONE VALDETE DOS SANTOS.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Geociências, Licenciatura em Ciências da Natureza,  
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Inclusão de alunos TEA. 2. Aulas inclusivas de  
Ciências da Natureza. 3. Autismo. I. VALDETE DOS  
SANTOS, SIOMONE, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## RESUMO

O presente trabalho contempla um estudo sobre alunos diagnosticados com transtornos do espectro autista, no “processo de aulas inclusivas”, apresento como entender e como tentar tornar a aula de Ciências da Natureza mais inclusiva, para alunos neurodiversos ou não, através da minha experiência como futura profissional da educação, contando o que aprendi e desenvolvi com a minha atuação como bolsista do projeto PIBID, no qual aconteceu a prática pedagógica com uma criança com diagnóstico de autismo, na educação em Ciências da Natureza e, como pontos principais, destaco: como compreender as ações pedagógicas, como devem ser programadas as atividades para que de fato o aluno seja incluído na Disciplina de Ciências da Natureza, e conhecer as concepções de inclusão de uma profissional da educação. Como metodologia de pesquisa, escolhi trabalhar com a minha experiência e vivência no PIBID de maneira descritiva, de cunho qualitativo. Conclui que, ainda, nos dias atuais, mesmo com tantas informações sobre como acontece ou como deveira acontecer a inclusão de alunos com autismo no âmbito escolar, geram-se dúvidas quanto aos direitos que esse público tem. Além disso, ressalto a grande importância da formação continuada dos profissionais da educação para que possam garantir a plena inclusão desses sujeitos.

**Palavras-chave:** Autismo. Inclusão. Educação.

## **ABSTRACT**

This paper includes a study about students diagnosed with autism spectrum disorders, in the "inclusive classroom process", I present how to understand and how to try to make the class of Nature Sciences more inclusive, for students with or without neurodiversity, through my experience as a future education professional, telling what I learned and developed with my performance as a scholar of the PIBID project, in which the pedagogical practice with a child diagnosed with autism happened, in Nature Sciences education and, as main points, I highlight: How to understand the pedagogical actions, how the activities should be programmed so that in fact the student is included in the discipline of Nature Sciences, and to know the conceptions of inclusion of an education professional. As a research methodology, I chose to work with my experience in the PIBID in a descriptive, qualitative way. I concluded that, even today, even with so much information about how the inclusion of students with autism in the school environment happens or should happen, there are still doubts about the rights that this public has. Moreover, I emphasize the great importance of the continuing education of education professionals to ensure the full inclusion of these individuals.

**Keywords:** Autism. Inclusion. Education.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>O QUE É TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA .....</b>	<b>12</b>
<b>4</b>	<b>O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO BRASIL.....</b>	<b>13</b>
<b>4.1</b>	<b>TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E AS DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O TRANSTORNO.....</b>	<b>14</b>
<b>5</b>	<b>LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE PESQUISAS COM A TEMÁTICA 16</b>	
<b>6</b>	<b>PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) .....</b>	<b>17</b>
<b>7</b>	<b>DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DE INCLUSÃO REALIZADAS DURANTE O PIBID.....</b>	<b>21</b>
<b>8</b>	<b>MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS .....</b>	<b>26</b>
<b>9</b>	<b>RELAÇÃO FAMÍLIA, ESCOLA E PROFESSOR.....</b>	<b>28</b>
<b>10</b>	<b>CONDISERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O assunto inclusão escolar de alunos com espectro autista, vem chamando a atenção de muitos profissionais da área da educação, pois a inclusão escolar tem como objetivo inserir, sem qualquer discriminação ou distinção, todos os alunos, sejam eles crianças ou adolescentes, com diferentes graus de comprometimento social e cognitivo. É válido sempre mencionar que é de extrema importância que toda e qualquer proposta de educação inclusiva para crianças e adolescentes autistas deverá ser feita dentro de escolas regulares, conforme legislação nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência. A lei é destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, visando sua inclusão social e cidadania. Portanto, isso fará com que haja a diminuição de casos de preconceitos e exclusão, assim evitando o isolamento social, fazendo dessa forma com que a pessoa diagnosticada com TEA consiga desenvolver novas habilidades.

[...] O autismo se caracteriza pela presença de um desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e comunicação, assim como pelo repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. Estas características podem levar a um isolamento contínuo da criança e sua família. Entretanto, acredita-se que a inclusão escolar pode proporcionar a essas crianças oportunidades de convivência com outras da mesma faixa etária, constituindo-se num espaço de aprendizagem e de desenvolvimento da competência social. (CAMARGO, BOSCA, 2009, p.65).

Consideramos que a interação social de crianças e adolescentes autistas é fundamental para seu desenvolvimento, nesse sentido, precisamos de um olhar atento quando o assunto for aula de Ciências da Natureza, pois é uma matéria onde os alunos podem ter bastante envolvimento, tanto com o professor quanto com os alunos não diagnosticados com TEA. É necessário também um olhar atento como educador para que se tenha sensibilidade na hora de fazer escolhas e acertos em suas aulas, fazendo com que o aluno com autismo tenha envolvimento e entendimento dos assuntos trabalhados, e também para que ocorram aulas práticas e teóricas adaptadas, tendo em vista que o aluno consiga interação e envolvimento com os demais alunos não diagnosticados TEA.



Trabalhar com alunos do espectro autista, não é uma tarefa fácil, é complexa, precisa de mais horas de estudos, planejamentos e investimentos por parte dos professores/educadores e também das autoridades responsáveis pelas implementações dos projetos políticos pedagógicos que incluam estes sujeitos. Um sistema que realmente seja eficaz nas escolas que possuam programas inclusivos que seja capaz de incetivar e gerar cursos de aperfeiçoamento, para que os docentes recebam capacitação e possam passar seu conhecimento e suas experiências aos alunos que precisem de uma atenção diferenciada.

Se faz necessário que esses professores levem seus conhecimentos ao maior número de profissionais da educação, para que assim possamos ter um ensino inclusivo ainda mais vasto e rico, de modo que nenhum aluno se sinta excluído ou tenha problemas no seus entendimentos para com o assunto Ciências da Natureza.

Ainda há muita falta de informação sobre o que deve ser trabalhado ou não quando se tem em sala de aula alunos com necessidades educacionais especiais.

Diferenças nas conexões neurológicas que levam a manifestações diferenciadas na comunicação, no comportamento e na interação apresentada pelas crianças, dificulta a inclusão das mesmas nas escolas trazendo problemas sociais e familiares, dificultando a vida dos pais para o trabalho e para as próprias crianças que ficam sem um processo de ensino e aprendizagem adequado.

Foi esta situação de pouca informação e de pouca qualidade do ensino inclusão, que me despertou interesse de desenvolver a presente pesquisa. Através de um estudo de caso que vivenci, no sentido de que eu conseguir aprender e compreender sobre o assunto e com isso levar mais informação para os futuros colegas de profissão e para as pessoas do meu convívio, e alertá-los de quão grande é a importância e a relevância deste tema e de que devemos sim dar mais atenção e estudar sobre “inclusão escolar”.

Através de leituras e estudos, consegui entender um pouco como as pessoas diagnosticadas com TEA podem agir, compreendi que cada pessoa autista age de uma maneira, cada um tem o seu tempo e seu modo de aprender, por isso é preciso estudo e conhecimentos para que possamos observar e entender como aquele indivíduo se porta perante as atividades e dificuldades da disciplina Ciências da Natureza, é preciso ser professor observador, e conseguir perceber como o seu aluno é, e assim entender qual a melhor maneira de trabalhar em sala de aula.

O presente trabalho divide-se nos seguintes capítulos: Metodologia de Pesquisa, onde descrevo minhas referências de leituras para o presente trabalho, as dificuldades encontradas pelo fato de existirem poucas pesquisas e estudos diante do tema inclusão de alunos com TEA nas aulas de Ciências da Natureza., Foram encontrados apenas alguns estudos relacionados com a inclusão de alunos na sala de aula, mas nada relevante que fosse diretamente ligado para a disciplina de Licenciatura em Ciências da Natureza.

Segundo Gomes et al. (2015, p. 113), “Apesar da relevância do tema, ainda é escasso o número de publicações científicas sobre o cuidado com as crianças com TEA desde as perspectivas dos seus parentes”.

Dificuldades em abordagens e qualificação para os professores que participem de escola inclusivas, onde há pouco incentivo, o que faz com que o aluno não tenha a devida atenção e o devido ensino para que seja incluído verdadeiramente no ambiente escolar no qual se encontra.

É importante estar consciente de que a maioria das crianças autistas não apresentam déficits em todas as áreas de desenvolvimento e que muitas possuem um ou mais comportamentos disfuncionais por breves períodos de tempo ou em situações específicas (CLEONICE A. BOSA, 2006, p. 48).

No seguinte capítulo faço uma breve descrição do que é o TEA. Kanner (1943) descreveu o autismo que foi inicialmente denominado Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo.

De acordo com Farias (2008), no presente momento não precisaríamos e nem deveríamos mais discutir sobre a inclusão de indivíduos com deficiência, as escolas deveriam estar completas e proporcionar ensino de qualidade de forma que todos os alunos sejam incluídos, ressalto que quando me refiro a os alunos, cito os alunos que não são diagnosticados com TEA, pois cada um possui a sua singularidade de aprendizado.

Seguidamente apresento um quadro, onde pesquisei alguns estudos e artigos que pudessem ser relevantes para o presente trabalho. Algumas dificuldades foram encontradas, pois há uma escassez de materiais que sejam específicos da disciplina de Ciências da Natureza, mas mesmo assim foi possível agregar qualidade ao meu estudo.

Conhecendo o PIBID, como sou também aluna do curso de Ciências Biológicas (Licenciatura) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), fui

convidada a fazer parte do PIBID, conto então o que é o programa e quais são as suas características e objetivos.

O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública (Portal MEC, 2007).

Em seguida contextualizo como foi a minha vivência, a minha experiência como Pibidiana e, em especial, como se desenvolve minha atuação em tempos de pandemia, a escassez de informações, e quais foram minhas atividades e dificuldades com o ensino de inclusão, no qual eu recebi a proposta para desenvolver aulas e atividades para um aluno com TEA.

O meu desafio foi tentar inserir o aluno na turma, de maneira que ele não fosse excluído pelas suas limitações, e muito menos que ele se sentisse incapaz ou excluído da turma em questão.

Como na Declaração de Salamanca (1997), “crianças com necessidades especiais deveriam receber apoio institucional adicional no contexto do currículo regular, e não de um currículo diferente”.

## 2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para fim de desenvolvimento do presente Trabalho de Conclusão de Curso realizei um levantamento bibliográfico a respeito do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na aulas de Ciências da Natureza, juntamente com estudo de caso de um aluno diagnosticado Autista, na minha vicência e experiência pessoal junto ao Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

Apresento um estudo de caso no qual elucido minha experiência durante o PIBID e pesquisas na literatura sobre o que é TEA, como são suas características, como são diganosticados e como acontece a inclusão desses alunos nas escolas.

Vivemos em momento de que a educação no quesito inclusão ainda é falha, existem alguns estudos e planejamentos que encorajam os professores e futuros professores a estudar mais esta temática, mas ainda assim continua sendo insuficiente para atender a demanda de alunos de ensino inclusivo, e principalmente a falta de estudos relacionados à educação da disciplina de Ciências da Natureza.

Atualmente, existem poucos estudos e formações para docentes em específico para o assunto ensino de inlcusão, por isso é necessário que este tema seja olhado com atenção , uma vez que não há muito interesse por parte docente, visto que é ainda exige muito estudo e atenção. No contexto atual a grande maioria dos educadores não tem como dispor de tempo para aceitar mais este desafio, considerando que lecionar por si só ja é um enorme desafio.

Um conceito alargado de Educação Inclusiva pode ser concebido como um princípio e uma orientação geral para fortalecer a educação, com vista a um desenvolvimento sustentável, aprendizagem ao longo da vida para todos e acesso igual de todos os níveis da sociedade às oportunidades de aprendizagem. (UNESCO, 2008).

Ao mesmo tempo em que concentramo-nos em planejar aulas inclusivas para alunos com diagnóticos de TEA, carecemos levar em consideração que todos os alunos não neurodivergentes (estudantes em geral), também denotam sua singularidade e suas dificuldades na aprendizagem, o que faz com que o professor precise atentar-se também a este modo de ensino.

Em uma sala de aula, em cada grupo de estudantes, um universo de diversidades de aprendizagem se apresenta, não somente por conexões neurológicas que indicam uma diferença exposta através de um diagnóstico, mas também por diferentes ritmos, tempos e maneiras de captar, apreender e interpretar o que está sendo exposto pelo(a) docente. (LOPES, 2022, p.19).

Em leitura ao trabalho de conclusão de curso da minha colega Daiane Lopes (2021), compreendi que as aulas devem ser inclusivas para todos os alunos, incluindo aqueles que não são neurodivergentes (alunos em geral), pois todos os alunos possuem algum tipo de necessidade educacional especial, visto que cada aluno aprende e se desenvolve de maneira única, visto que cada indivíduo é único, possui suas particularidades, e assim precisam de um ensino especial, um ensino inclusivo.

A educação inclusiva implica uma visão diferente da educação comum, baseada na heterogeneidade e não na homogeneidade, considerando que cada aluno tem capacidade, interesse, motivações e experiência pessoal única, quer dizer, a diversidade está dentro do “normal”. Dada essa concepção, a ênfase está em desenvolver uma educação que valorize e respeite as diferenças, vendo-as como uma oportunidade para otimizar o desenvolvimento pessoal e social e para enriquecer os processos de aprendizagem. (BELISÁRIO, 2005, p. 130).

Através desses apontamentos, compreendi que se faz necessário um ensino de inclusão, de um modo global, no qual o ensino envolva e inclua todos os alunos, com ou sem neurodivergências, para que de fato tenhamos um ensino inclusivo.

### 3 O QUE É TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

TEA é uma desordem no neurodesenvolvimento que é caracterizada por diferenças no curso dos desenvolvimentos. Tais diferenças costumam ser diagnosticadas até os três primeiros anos de vida da criança. É um transtorno psicossocial e está associado a fatores genéticos e sociais. É uma disfunção que atinge o sistema nervoso central e problemas constitucionais inatos de interação entre múltiplos genes e esta condição irá permanecer por toda a vida do indivíduo.

O autismo infantil envolve alterações nas áreas de socialização, comunicação e interação social, esses quadros não são definitivos, sendo alternados ao longo da existência, para os quais a família precisa ter cuidados e dedicações especiais. É considerado um transtorno que afeta o desenvolvimento do indivíduo diagnosticado, comprometendo sua comunicação, coordenação motora e sono, podendo estar associado a outros sintomas como déficit de atenção e hiperatividade.

Tais manifestações começam a ser notadas por volta dos três primeiros anos de vida, podendo trazer prejuízos significativos para sua evolução no aprendizado e interação social, por isso é importante o diagnóstico precoce, para que o indivíduo consiga desenvolver-se da melhor maneira. Mas é preciso ter cuidado que não haja um diagnóstico pronto, autismo não é um transtorno em que todo o indivíduo diagnosticado deva ser tratado da mesma maneira, do mesmo modo, pois cada um tem um modo de agir e de fazer suas percepções. TEA é uma síndrome que está sempre em “movimento”, pois a cada fase o indivíduo age de uma maneira, ele percebe o mundo ao seu redor de um modo, na sua singularidade.

[...] é notório que o Transtorno do Espectro do Autismo não se apresenta como algo linear, já que não há uma fórmula para evidenciar sintomas relacionados ao autismo. Identificar um sujeito com autismo é lembrar que as características supracitadas são indissociáveis, podendo ser evidentes ou não, de acordo com seu nível de gravidade. Contudo, os sintomas não surgem de forma igualitária para todos os sujeitos. É preciso reconhecer que por mais parecidos que sejam, cada situação é singular, nenhum autista é igual ao outro. (DOS SANTOS, 2017, p. 222).

## 4 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO BRASIL

Em dezembro de 2012, alguns dos direitos dos autistas passaram a ser assegurados pela lei 12.764, chamada de “Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista”. Basicamente, a lei reconhece que os portadores de autismo têm os mesmos direitos que todas os outros pacientes com necessidades especiais no Brasil. Entre outros aspectos, a legislação garante que os autistas podem frequentar escolas regulares e, se necessário, solicitar acompanhamento nesses locais. (LEI NACIONAL 12.764).

Apesar dos relativos avanços na legislação, a inclusão de crianças diagnosticadas com o espectro autista ainda é muito difícil, pois as escolas mesmo que ditas de inclusão, nem sempre estão preparadas para receber um aluno do TEA, pois ser inclusiva não é apenas uma questão de apenas de ter um espaço físico adequado na escola , é preciso investir em conhecimento e capacitação daqueles profissionais que irão ministrar aulas e oficinas.

Os professores e também os demais alunos não diagnosticados com TEA, precisam estar preparados e informados sobre como receber um aluno com autismo, onde se faz necessário todo um apoio, toda uma conversa. Eu cito também a ajuda psicológica, pois é muito importante preparar e ensinar os alunos não portadores de autismo para que eles também tenham atitudes inclusivas, e para isso acredito que uma ajuda de um profissionais especialistas, como psicólogos, seja de grande importância e grande ajuda para a comunidade escolar.

Apesar dos professores ainda não estarem preparados, é notável o aumento da demanda de atender alunos com TEA, percebe-se que vem aumentando a procura por vagas em escolas ditas regulares, por familiares de crianças diagnosticadas com autismo.

Segundo dados do CDC (Center of Diseases Control and Prevention), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, existe hoje um caso de autismo a cada 110 pessoas. Dessa forma, estima-se que o Brasil, com seus 200 milhões de habitantes, possua cerca de 2 milhões de autistas. (Revista USP, 2021).

Por isso o papel do professor é de grande importância, pois com ensino de qualidade podemos impactar de maneira positiva no desenvolvimento daquele aluno autista, fazendo assim com que ele tenha avanço na sua capacidade de aprendizagem e convívio, ou quaisquer que sejam suas necessidades diante o ensino e ambiente escolar.

02/4 – Dia Mundial de Conscientização Sobre o Autismo

A data, estabelecida em 2007, tem por objetivo difundir informações para a população sobre o autismo e assim reduzir a discriminação e o preconceito que cercam as pessoas afetadas pelo transtorno. (Brasil, 2021).

Figura 1 – Dia Mundial da Conscientização Sobre o Autismo.



Fonte: <https://www.tre-pe.jus.br/imprensa/noticias-tre-pe/2021/Abril/02-de-abril-dia-mundial-de-conscientizacao-do-autismo>.

O Dia Mundial de Conscientização do Autismo foi criado em dezembro de 2007 pela Organização das Nações Unidas (ONU) com o intuito de divulgar informações sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em nível global. Anualmente, diversas ações são promovidas por entidades civis e governamentais em busca de derrubar preconceitos e criar uma sociedade mais inclusiva e acessível para as mais de 70 milhões de pessoas dentro do espectro em todo o mundo. (TRE-PE, 2021).

#### 4.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E AS DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O TRANSTORNO

A expressão “autismo” foi utilizada por Eugene Bleuler pela primeira vez em 1911. Mas em 1943, Leo Kanner realizou estudos em crianças para descrever a qualidade de relacionamento delas, registrou os sintomas autistas, o que foi considerado por outros estudiosos como desequilíbrio emocional ou retardo mental.

Também foi constatado que os autistas apresentavam características em suas relações interpessoais equivalentes às apresentadas por pessoas com quadro de esquizofrenia. Com isso, Kanner criou um rol com as particularidades comuns às crianças autistas, separando-as em três aspectos: as relações sociais, a comunicação e a linguagem, e, por fim, a insistência na invariância do ambiente:

[...] As relações sociais. Para Kanner, o ponto fundamental da síndrome do autismo era ‘a incapacidade de relacionar normalmente com as pessoas e situações’, e fez a seguinte reflexão: ‘desde o princípio há uma extrema



solidão autista, algo que ignora ou impede a entrada de tudo que vem de fora à criança.

A comunicação e a linguagem. Kanner destacou também um amplo conjunto de deficiências e alterações na comunicação e na linguagem das crianças autistas. [...] Ele notou a ausência de linguagem em algumas crianças com autismo e um uso estranho por parte daquelas que a possuem.

[...] A “insistência na invariância do ambiente”. A terceira característica foi a inflexibilidade, a adesão rígida a rotinas e a insistência sobre a igualdade. Kanner comentou até que ponto se reduz drasticamente a gama de atividades espontâneas no autismo [...]. Kanner relacionava esta característica com outra muito própria do autismo: a incapacidade de perceber ou conceituar totalidades coerentes e a tendência para representar as realidades de forma fragmentada e parcial (GOMEZ; TERÁN, 2014, p. 462).

Além disso, Kanner elaborou a tese de que o autismo estava ligado com o mau relacionamento da criança com seus genitores, também conhecida pela expressão “mãe-geladeira”. Para ele o desenvolvimento do autismo estaria ligado ao tratamento ofertado pelos pais aos filhos, mais precisamente às mães que tinham os perfis de “mães emocionalmente frias” e “pais intelectuais”, ambos com mais preocupações no desenvolvimento físico da criança, do que em ter contato com ela e desenvolver suas emoções.

Todavia , a concepção de que a origem do autismo está ligada à suposta maternidade fria ou à ideia de mãe-geladeira foi descartada por estudiosos posteriores a Kanner, conforme:

[...] não se defendem mais ideias de que o autismo tenha qualquer origem psicogênica, das ‘mães-geladeiras’ ou outras, que tinham por base a rejeição dos pais, especialmente da mãe, em relação à criança autista, não merecem qualquer menção como causa de autismo, por serem equivocadas e terem sido completamente abandonadas. Assim como estas hipóteses foram derrubadas, foi também o tratamento psicoterápico do autismo. (STELZER, 2010,p.19).

## 5 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE PESQUISAS COM A TEMÁTICA

Quadro 1 - Termo de busca “Artigos sobre TEA” – Artigos de Revisão/Científicos.

Ano	Autor	Título	Palavras- chave	Instituição	Tipo de material
2008	Ana Carina Tamanaha Jacy Perissinoto Brasília Maria Chiari	Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger	Transtorno autístico; síndrome de Asperger; Linguagem; Revisão	Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de São Paulo UNIFESP São Paulo (SP), Brasil.	Artigo de Revisão
2014	Paulyane T.M. GomesLeonard o H.L. LimaMayza K.G. BuenoLiubiana A. AraújoNathan M. Souza	Autism in Brazil: a systematic review of family challenges and coping strategies	Autism; Family relations; Caregivers; Brazilian Unified Health System	Study conducted at Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS), Belo Horizonte, MG, Brazil	Artigo de Revisão
2021	João Otacilio Libardoni dos Santos, Geyse Patrizzia Teixeira Sadim, Carlo Schmidt Maria Almerinda de Souza Matos	O atendimento educacional especializado para os educandos com autismo na rede municipal de Manaus-AM		Universidade Federal do Amazonas, Manaus.	Artigo

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Conforme o Quadro 1, fiz uma breve pesquisa sobre estudos/artigos que fossem relevantes para o ensino de inclusão de Ciências da Natureza, constatei que apesar de ter pesquisas recentes sobre inclusão de indivíduos do TEA, ainda são poucas, e na disciplina de Ciências da Natureza, em específico, não encontrei, por isso acredito que se faça necessário maior interesse, pois a cada ano que passa, recebemos nas escolas mais alunos com necessidades que precisam de ensino de inclusão, sejam eles diagnosticados com TEA ou não. É preciso que os professores tenham maior incentivo e apoio na parte da inclusão, pois no momento em que é colocado em uma sala de aula, é preciso também dar um suporte para que os professores consigam ter condições de planejar uma aula inclusiva, com estruturas e atividades que permitam o desenvolvimento deste trabalho. Conforme Serra (2004), “O objetivo da educação especial é o de reduzir os obstáculos que impedem o

indivíduo de desempenhar de forma completa as atividades e participar de modo pleno na sociedade”.

## **6 PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)**

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi um programa criado em em 2007 e coordenado pela Diretoria de Educação Básica Presencial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O PIBID atua no estímulo à docência entre estudantes de graduação e na valorização do magistério.

[...] O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. A intenção do programa é unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) esteja abaixo da média nacional, de 4,4. Entre as propostas do PIBID está o incentivo à carreira do magistério nas áreas da educação básica com maior carência de professores com formação específica: ciências e matemática de quinta a oitava séries do Ensino Fundamental e física, química, biologia e matemática para o Ensino Médio. (MEC, 2022).

PIBID é um programa que prevê bolsas aos estudantes que participarem do projeto, assim como para seus professores e coordenadores que fazem parte do projeto.

Aqueles professores que participarem, precisam fazer parte do quadro de docentes de escolas da rede pública de ensino, tanto de município como do estado.

Os coordenadores de áreas do conhecimento recebem bolsas mensais de R\$ 1,2 mil. Os alunos dos cursos de licenciatura têm direito a bolsa de R\$ 350 e os supervisores, que são os professores das disciplinas nas escolas onde os estudantes universitários vão estagiar, recebem bolsa de R\$ 600 por mês. (PORTAL MEC 2022).

Eu, além de cursar Licenciatura em Ciências da Natureza na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),, também sou aluna da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), na qual curso Licenciatura em Ciências Biológicas, e por intermédio de uma professor da UNISINOS recebi o convite para integrar a equipe de alunos bolsistas

A escola em questão a qual escolhi para participar do projeto é uma escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada em um bairro da cidade de São Leopoldo. Optei por essa escola, pois está localizada na cidade em que eu resido e se tornaria de fácil acesso, a escola faz parte do sistema de escola inclusiva.

O projeto PIBID, chegou a mim de maneira muito especial, fui convidada para fazer parte da equipe por uma professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), como já mencionado, na qual faço também graduação de Ciências Biológicas, onde o objetivo foi de “exercer” a minha futura profissão por um período de 18 meses. Experiência desafiadora, mas também de muito enriquecedora, de muitas experiências, trocas de conhecimento e informações.

No primeiro momento recebemos instruções de que iríamos participar, organizar aulas e conteúdos para alunos regulares sem nenhum tipo de ensino e necessidade especial, mas no decorrer do projeto tivemos uma troca de professor/supervisor e escola, o qual veio em um momento oportuno, pois o professor que assumiu o projeto é aquele professor inquieto, que cria a vontade de reproduzir a sua maneira de lecionar, o qual tem amor pela docência, o mesmo consegue conduzir as aulas de maneira com que os alunos consigam aprender e se interessar pelo conteúdo, mesmo que seja de maneira remota, professor que traz a esperança de que a educação é o melhor caminho sempre.

Diante desse novo momento, por indicação deste professor recebi a proposta que me possibilitou a oportunidade de trabalhar com aluno de inclusão, aluno diagnosticado com autismo (TEA). Inicialmente, assim como tudo que é novo, atemoriza e coloca o sentimento de não saber como e em qual direção seguir, pois por mais contato que já tivesse estabelecido com alunos de inclusão, não tinha programado nem planejado nada diretamente para um aluno com TEA, mas aceitei, pois ser professor é desafiar-se todos os dias. Cada dia dentro da sala de aula é um desafio imensurável a ser superado, cada momento dentro de sala de aula gera desafios e enriquece.

As aulas ocorriam de maneira remota, no ambiente totalmente “on-line”, pois o período do projeto aconteceu durante a pandemia do vírus da COVID-19.

De tal maneira eu organizava, planejava e enviava as atividades propostas para aquele aluno diagnosticado com TEA, que eu fiz a escolha para desenvolver o acompanhamento. Com base nas dificuldades enfrentadas, resolvi realizar procuras, e entender mais sobre como proceder em aulas de inclusão. Foi necessário procurar

entender mais do ensino de inclusão, como os professores podem ou devem agir diante da realidade de aulas com alunos de inclusão.

Primeiramente iniciei os estudos e pesquisas nos sites Scielo e SABI, mas delcero que diante das buscas fazendo uso das palavras chaves como, Ensino de inclusão para aulas de Ciências da Natureza, Ensino de Inclusão para TEA nas aulas de Ciências, percebe-se uma falta de trabalhos na área, tendo em vista que aulas de inclusão são um assunto relativamente novo, e quando relaciona-se às aulas inclusivas nas aulas de Ciências da Natureza é nociva a carência de estudos.

Então devido à carência de informações fez-se decisiva a minha escolha diante das dificuldades encontradas, para que pudesse dedicar-me a pesquisar sobre alunos de inclusão com TEA, pois posteriormente será a especialização que pretendo desenvolver como professora.

Percebe-se um cenário um tanto quanto preocupante, no qual temos muitos alunos diagnosticados autistas e poucos estudos, por vezes denota-se desinteresse por parte dos professores, pois sabe-se que a realidade do docente é difícil: inúmeras cargas horárias, inúmeros compromissos, falta de estrutura para trabalhar, e mencionando também o pouco reconhecimento no quesito salário.

Mas tendo a minha vivência como futura professora, identifiquei que deveria procurar, pesquisar e encorajar os colegas professores e futuros professores, de que sim, se faz necessário procurar informações, e entender melhor sobre a educação de inclusão, pois assim conseguiremos ter ensino de qualidade e que seja realmente inclusivo, que não fique apenas no papel, e para que os alunos sejam realmente incluídos na turma.

Entende-se que com a educação inclusiva, os alunos precisam estar integrados com o grande grupo, como Pibidiana consegui constatar como é lidar com alunos com e sem necessidades especiais, deste modo possibilitou ao meu conhecimento de que é possível mudar este cenário de exclusão. Em teoria, hoje em dia é possível incluir todos alunos que tenham necessidades especiais, no entanto quando chegamos na prática, o cenário muda, mesmo que tenhamos uma escola que esteja preparada fisicamente para o ensino de inclusão e tendo projetos para que tal aconteça, é preciso efetivamente ter cuidado para que seja de fato escola inclusiva para todos os seus alunos.

Partindo deste pressuposto, iniciei pesquisas de como entender, como planejar aulas que sejam verdadeiramente inclusivas, ainda que haja pouco estudo na área

de inclusão de alunos nas aulas de Ciências, encontram-se muitas pesquisas sobre as deficiências e necessidades especiais, mas planejamento, propostas de ensino para esses alunos ainda há pouco.

Portanto, devido as dificuldades enfrentada nas pesquisas, gerou-me grande motivação para inciar as esquisas para conseguir compreender e desenvolver mais a respeito do que é, e de como incluir um aluno com necessidade especial no ensino regular.

## **7 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DE INCLUSÃO REALIZADAS DURANTE O PIBID**

Como Pibidiana, recebi o desafio com contentamento por ter a possibilidade de desenvolver e ter de fato contato com aluno de inclusão, mesmo tendo se passado no ambiente virtual devido à pandemia em que nos encontrávamos.

Sempre foi de meu interesse ser professora de inclusão, seja ela com alunos diagnosticados com TEA, ou outro diagnóstico.

Tenho grande agrado por desafios e programar e proporcionar aulas e atividades de inclusão para um aluno foi extraordinário, pois a temática licenciada seria inédito para minha pessoa.

Tornou-se um momento oportuno para que eu saísse da minha zona de conforto e para proporcionar uma aula e um planejamento adequado para o aluno em questão, foi necessário elucidar aulas dentro dos conteúdos que foram me ditos e impostos pela coordenação da escola, juntamente com o professor responsável da turma em questão.

Então precisei desenvolver e planejar aulas nas quais os exercícios contemplassem os conteúdos que o restante da turma estava aprendendo, o mesmo conteúdo mas de maneira que aquele aluno conseguisse acompanhar.

No início o professor/supervisor que me propôs esse “desafio”, elencou atividades de exemplos, como desenhos, atividades muito simples, sem muitas inovações.

Qualifiquei as atividades e concluí de que, não poderia apenas propor ao aluno uma folha com desenhos aonde fosse exigido apenas para que ele complete ou pinte, com isso a atividade não seria desafiadora nem enriquecedora ao seu ensino e desenvolvimento, por conseguinte, organizei aulas da maneira que a minha imagem aparecesse nos vídeos, com imagens ilustrativas, falas e exercícios. Sempre coloco que se faz perceber que é de extrema importância humanizar os contatos, trazer o aluno o mais próximo possível, pois é assim com alunos que não são neurodivergentes, então, por qual motivo não faria o mesmo com o aluno que precisasse de um ensino de inclusão.

Busquei ir além disto, com aulas provocativas, onde a minha imagem aparecesse, pois no meu entendimento quando temos esse contato com o

professor, mesmo que seja de maneira on-line, podemos ficar mais “próximos”, ter um contato mais humano, pois assim ele conseguiria ligar a minha imagem ao conteúdo passado, para que ficasse um pouco mais humanizado o meu trabalho, então surge o meu desafio, tornar-me próxima daquele aluno autista. Infelizmente para minha decepção não obtive muito sucesso, pois além do momento ser de pandemia sem acesso à escola, sem acesso a encontros presenciais com o aluno, os pais em questão não se faziam de fácil acesso, talvez tivessem receios por eu ser estagiária não saberia lidar com as limitações dele. A família do aluno em questão, não era uma família carente, a mãe é professora, faz parte do corpo docente de uma escola do Município da cidade, então não era falta de recursos financeiros, nem tão pouco falta de conhecimento do assunto, a percepção que obtive foi de que a atitude de proteger seu filho, era possivelmente um ato de acolhimento para que o mesmo não se frustrasse, caso não atingisse o objetivo proposto pelas atividades propostas a ele.

Houveram algumas tentativas de aproximação, eu requeria “feedbacks”, mas não obtinha sucesso, as correções dos exercícios e resultados das minhas aulas propostas a ele, eu recebia através do professor responsável pela turma.

Busquei diversas formas de aproximação, conversas, ajudas, mas confesso que tive dificuldades, o que em mim gerou um grande descontentamento, decepção e frustração, pois sempre que mandava os vídeos e atividades, pedia que as respostas feitas pelo aluno me fossem encaminhadas para que eu conseguisse fazer as devidas correções e até mesmo para que eu conseguisse saber se minhas aulas estavam sendo de qualidade e de bom proveito, mas o professor apenas me dizia que não tinha obtido retorno dos conteúdos feitos pelo aluno. Mesmo assim, sem ter em mãos os exercícios respondidos continuei a fazer as aulas, continuei pesquisando, enviando e tentando fazer aulas inclusivas.

Diante da falta de retorno, e contato direto com o aluno em questão, procurei sempre utilizar a internet e aplicativos que favorecem o desenvolvimento das atividades, utilizei o aplicativo de nome CANVA, bastante conhecido e usado no âmbito escolar diante do momento vivenciado de pandemia por conta da doença COVID-19. Através desse aplicativo, foram montadas aulas com imagens, vídeos e explicações. O conteúdo era separado em duas a três aulas, para que o mesmo fosse bem explicado e exemplificado.



O aluno com que o trabalho foi desenvolvido tinha, a idade de doze (12) anos, estava no 7º ano do ensino fundamental, sua idade era de acordo com o restante da turma, fazia parte da turma a qual comportava a sua idade.

Com o passar das aulas, mesmo que tivesse pouco ou quase nenhum retorno, fui me inteirando e aprendendo que, apesar de ter a mesma idade do restante da turma, o mesmo precisava de aulas e explicações mais animadas, com vídeos, imagens, desenhos. Diante desta constatação comecei a organizar aulas com vídeos, imagens, falas ditas por mim, com a minha imagem sendo projetada nos vídeos, com alguns experimentos para que fosse desenvolvido em casa e alguns jogos que ele conseguisse desenvolver sozinho.

Destaco que é muito importante nesse processo de proporcionar aula de inclusão, é a observação; um olhar atento, atencioso nos sinais que o aluno dá. Mesmo que com pouco retorno, o qual obtinha somente por considerações do professor, consegui entender que, para que o professor consiga desenvolver atividades com melhor qualidade dentro do que o aluno realmente tem interesse, dentro das suas limitações, na disciplina de Ciências da Natureza, é preciso acompanhar o seu desenvolvimento, analisar e conforme preciso for adaptando atividades que se encaixavam melhor no seu entendimento, julgando assim uma melhor maneira de aprendizagem para o aluno em questão, sempre visando a qualidade de ensino, de uma maneira que conseguíssemos de fato tornar o aluno incluído na sua atual turma, não apenas no planejamento escolar.

Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. (SALAMANCA, 1997, p. 5).

Os planejamentos eram enviadas por intermédio do meu professor orientador, as aulas eram enviadas de maneira prontas e organizadas, o professor qualificava e fazia conferência se estava dentro do esperado dos conteúdos, após a verificação, o planejamento era enviado ao aluno de inclusão em questão.

Em todas as atividades que foram enviadas, era colocado que sempre que fosse necessário poderia me procurar para sanar qualquer dúvida ou desentendimento perante o conteúdo transmitido, mas essa procura, nunca ocorreu.

Como citado anteriormente, os conteúdos me foram entregues previamente, para que as aulas fossem programados para o aluno diagnosticado autista, mas o

conteúdo também era para a turma no geral, conforme o cronograma da escola, assim podendo de fato ser desenvolvido o ensino de inclusão.

Durante os planejamentos para o aluno autista, pesquisei vídeos, aulas, algum tipo de material na internet para que eu pudesse ter algum tipo de apoio, afinal ainda não tinha experiência, e precisava de algum “norte”, algo que me servisse de inspiração, afirmo que tive um sentimento de frustração quando fiz estas pesquisas, pois não encontrei muitos materiais, e os que foram encontrados todos muito infantilizados, pois o aluno em questão já encontrava-se no 7º ano, foi então que segui o meu intuito de futura professora, fui criando, gravando e observando o que pudesse se encaixar melhor e o que seria melhor para o aluno, e assim entendi que isso é ensino de inclusão, esse olhar atento pacioso, cuidadoso com alunos diagnosticados como autistas.

Então, meu olhar sobre o ensino de inclusão mudou depois que eu vivi na prática, como foi e como é ensinar Ciências da Natureza para alunos com TEA. Confesso que antes eu achava que alunos com autismo eram crianças que por terem dificuldades na comunicação, não prestavam atenção ao seu redor, mas nas leituras, pesquisas e no meu contato, mesmo que tenha sido pouco com o aluno, percebi que engana-se quem acha que os autistas não interagem. Eles observam, escutam, absorvem, apenas demonstram de maneira diferente da nossa ou até mesmo não demonstram.

A inclusão deve ser instituída como uma forma de inserção radical, completa e sistemática, em que as escolas devem se propor a adequar seus sistemas educacionais às necessidades especiais da clientela de alunos, todos os alunos, não se restringido somente aos alunos com deficiência (FARIAS, 2008, p. 366).

Por isso novamente insisto, diante das pesquisas e leituras, aprendi que todo indivíduo com ou sem diagnóstico de autista tem sua maneira de observar, aprender e compreender as coisas ao seu redor, sejam elas na disciplina de Ciências da Natureza, ou em outra disciplina. Eu como futura professora, aprendi que é necessário olhar com cuidado e atenção os sinais do aluno, pois assim será mais fácil de compreender e entender qual a melhor maneira para passar o conteúdo proposto em sala de aula, é preciso conhecer o seu aluno e para que isso aconteça se faz necessário um olhar atento e cuidadoso, para , então, de fato, conseguirmos ter um ensino de inclusão de qualidade e que possamos incluir todo e qualquer aluno.

[..] para que o aluno obtenha sucesso em seu desempenho, o professor deve reconhecer seu nível de desenvolvimento intelectual proximal para, então, conduzi-lo a estágios ainda não alcançados, fazendo com que ele atinja níveis mais avançados de desenvolvimento real (FARIAS, 2008, p. 368).

## 8 MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS

No momento em que participei da minha experiência como Pibidiana, tive contato com o aluno no ambiente virtual, com reunião, apenas uma entrevista para saber sua idade e demais informações e aulas.

Diante do momento em que vivemos de pandemia, se passou tudo de forma EAD, fiz muito o uso de um aplicativo que foi de extrema valia para mim, o CANVA, do qual eu conseguia utilizar as ferramentas de gravar vídeo aulas, conseguia também utilizá-lo para colocar jogos, questionários e exercícios para o aluno.

Como se passou tudo em ambiente virtual, não pude usar muito material físico, mas como temos acesso à internet, e me certifiquei de que o aluno em questão também teria, fiz uso de alguns jogos a serem usados no ambiente virtual, o que deu certo, pois o aluno conseguia acessar da sua casa, podendo assim se interar das atividades e dos assuntos que lhe foram passados em aula.

E também, fiz uso do ambiente virtual para atividades como caça-palavras, como coloco abaixo, onde o aluno poderia além de imprimir em casa caso fosse possível e achar as palavras, ou ele tinha a possibilidade de abrir o arquivo no seu computador ou celular, preencher e enviar a tarefa virtualmente, eu sempre tive o cuidado de fazer as atividades que ele conseguisse fazer tanto de modo virtual como impressas, pois se ele tivesse muita dificuldade de completar virtualmente, poderia imprimir e completar de maneira manual.

As correções virtuais, eram feitas de maneira obviamente virtual, onde ele enviava o seu arquivo com as respostas, ou caso tivesse impresso as atividades, iria ser mandando virtualmente também, através de fotos, ou as atividades digitalizadas, como ficasse melhor para o aluno. Como mencionado anteriormente, não tive acesso às respostas de modo que eu pudesse arquivá-las, apenas tinha acesso por intermédio do professor.

As tarefas que o estudante em questão realizava eram todas de maneira virtual, entregando as suas atividades na plataforma classroom, plataforma que é utilizada pela escola, e para ter acesso às respostas e atividades era necessário, ter login e senha, que somente os professores tinham acesso.

Figura 2 – Caça-Palavras.



Fonte: <https://www.nainternet.biz/caca-palavras-para-imprimir-para-diversao-na-sala-de-aula/>.

## 9 RELAÇÃO FAMÍLIA, ESCOLA E PROFESSOR.

A relação da família com o aluno autista, com a escola e com os professores faz muita diferença no quesito autonomia do aluno, no seu desenvolvimento. Nas minhas pesquisas e leituras, encontrei uma monografia de pós graduação de Esther R. Pinheiro, onde diz o seguinte:

Uma grande ajuda e auxílio para todos os indivíduos com autismo, independente do grau de severidade, vem das relações familiares, em razão da perspectiva na comunicação, no afeto e na interação social. Contudo escola e família precisam estar de acordo nas ações e nas intervenções na aprendizagem, especialmente, porque há grande apoio na educação comportamental. (PINHEIRO, 2016 p.35).

A participação da família tem grande significância, pois é o porto seguro do aluno, é onde ele se sente protegido e acolhido, mas esta relação deve dar de maneira saudável, onde o aluno autista tenha autonomia e liberdade, para que ele consiga dentro das sua realidade tomar decisões e seu querer seja respeitado, uma vez que isso facilitará o seu desenvolvimento e seu convívio com os demais colegas. Onde ocorre a superproteção do aluno autista, o seu desenvolvimento e sua autonomia e liberdade acabam sendo perdidas, e isso é prejudicial para seu desenvolvimento.

O aluno para o qual foi desenvolvido o planejamento no PIBID, ao fazer a observação, percebi que sua família era preocupada com seu ensino, era interessada no seu desenvolvimento, mas que às vezes acabava, por algum motivo ou outro realizando as atividades no lugar do aluno. Relato uma situação que presenciei, quando enviei uma atividade para ser desenvolvida pelo aluno, e a mesma então foi devolvida completa com todas as respostas. Junto com o meu professor chegamos à conclusão de que a mãe do aluno foi quem desenvolveu a atividade e a encaminhou para correção como se tivesse sido feita pelo aluno. Acredito que atitudes como esta acontecem pelo fato de acharem que ele não conseguiria fazer, talvez vergonha em falar que o filho não conseguiu desenvolver as atividades propostas, ou por achar que a atividade estivesse além da sua capacidade, por isso é nesse momento que se faz importante o diálogo, professor e família, onde conversando com os pais conseguiríamos entender melhor a necessidade do aluno, e com isso então ir encaixando, moldando essas atividades, para que se torne algo de fácil entendimento, e de boa aprendizagem para o aluno.

Cito o trecho de uma dissertação de mestrado em Educação que fiz a leitura, que acredito ter relação com o que observei sobre a família de um aluno autista.

Os prognósticos quanto ao futuro do filho autista podem ficar menos obscuros e a ideia que o filho nada pode realizar pode ser substituída por esperanças conscientes e investimentos no desenvolvimento da criança. A escola é o único espaço social que divide com a família a responsabilidade de educar e que, de certa forma, trabalha a unidade da coletividade. Ela favorece uma certa transitoriedade entre as diferenças individuais e as necessidades do grupo, oferecendo ao indivíduo, oportunidades de comportamentos normalizantes. (SERRA, D.C.G., 2004, p.23).

## **10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

De acordo com a minha experiência através do PIBID, chego à conclusão de que precisamos hoje, para que a educação de qualidade seja garantida para esses sujeitos, tendo como público-alvo a educação especial, é um olhar atento e carinhoso, que seja diferenciado no que se refere ao seu aprendizado e desenvolvimento, para que assim o ensino possa ser conduzido de modo que o profissional da educação, dentro da escola, consiga ouvir e conhecer seus protagonistas no sentido de que nenhum desses sujeitos tenha seu direito à educação negado ou mesmo negligenciado por ser diferente e/ou deficiente.

Precisamos também de um preparo não somente dos docentes, mas também dos demais profissionais da instituição, uma vez que, para que os alunos de inclusão estejam de fato inclusos na escola, este trabalho deve ser feito em conjunto entre os docentes, gestores, profissionais de Atendimento Educacional Especializado, e qualquer outro profissional que esteja presente no acompanhamento deste aluno, juntamente com aporte familiar. Conforme diz a Declaração de Salamanca (1997, p. 10), “Preparação apropriada de todos os educadores constitui-se um fator chave na promoção de progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas”.



## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994. Acesso dez. 2021.

02 DE ABRIL Dia Mundial da Conscientização do Autismo. **Tribunal Regional Eleitoral – PE**. Recife, 05 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.tre-pe.jus.br/imprensa/noticias-tre-pe/2021/Abril/02-de-abril-dia-mundial-de-conscientizacao-do-autismo>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

BELISÁRIO, J. **Ensaio Pedagógicos – Construindo Escolas Inclusivas**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ensaiospedagogicos.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2021.

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbp/a/FPHKndGWRRYPFvQTcBwGHNn/abstract/?lang=pt&format=html&stop=next>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)>. Acesso em: 28 dez. 2021.

CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

FAJARDO, Maritza; CASTRO-CARRASCO, Pablo J. **Teorias subjetivas de docentes sobre a inserção laboral de seus alunos cegos**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/YhRq3NXnXMBhrckZ7vsrqQF/?lang=es>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FARIAS, Iara Maria de; MARANHÃO, Renata Veloso de Albuquerque; CUNHA, Ana Cristina Barros da. **Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada (Mediated Learning Experience Theory)**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/yP3fxxtVtksKbz8VHyXfCtM/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

GOMES, Paulyane et al. **Autism in Brazil: a systematic review of family challenges and coping strategies**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jped/a/wKsNY3ngvLDcRZ5bxWCn47v/?lang=en>>. Acesso em: 11 dez. 2021.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TERÁN, Nora Espinosa. **Transtornos de aprendizagem e autismo**. São Paulo: Grupo Cultural, 2014.

KANNER, Leo. **Autistic Disturbances of Affective Contact**. *Nervous Child*, n.2, p. 217 – 250, 1943. Disponível em:  
<[https://neurodiversity.com/library\\_kanner\\_1943.pdf](https://neurodiversity.com/library_kanner_1943.pdf)>. Acesso em: 01 dez. 2021.

LOPES, Daiane Duarte. **Cartografia Atípica – Tessituras da formação docente para o ensino em Ciências da Natureza na compreensão dos processos de aprendizagem de estudantes neurodivergentes**. 2021. 55f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

ORRÚ, S.E. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

PIBID – Apresentação. **Ministério da Educação**. Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

PIBID – Iniciação à Docência. **UNISINOS**. Disponível em:  
<<https://www.unisinos.br/institucional/iniciacao-a-docencia/pibid>>. Acesso em: 03 jan. 2022.

PINHEIRO, Ivana Maria. **Formação e avaliação do vínculo escola-família: os dois principais contextos para a criança**. 2004. 37f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Especialização em Avaliação Psicológica Interventiva na Saúde e na Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

PINHEIROS, Esther Ramos. **O Autismo e seus desafios no cotidiano escolar**. Universidade Candido Mendes, Pós Graduação “Latu Sensu” AVM Faculdade Integrada. Acesso em: 15 dez. 2021.

SADIM, Geyze Patrizzia Teixeira. **Atendimento Educacional Especializado: Organização e Funcionamento das Salas de Recursos Multifuncionais aos Educandos Com Autismo na Rede Municipal de Manaus**. 2018. 102f. Dissertação (Trabalho de Conclusão do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

SANTOS, Regina Kelly dos; SILVA VIEIRA, Antônia Maira Emely Cabral da. **Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): do Reconhecimento à Inclusão no Âmbito Educacional**. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7413>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

SENRA, Michele de Souza. **Reflexões sobre a neurodiversidade, inclusão e exclusão nos sistemas educacionais do séc. XXI: uma breve discussão sobre as adaptações curriculares na inclusão de alunos com autismo em escolas regulares**. Disponível em:  
<<http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/interludio/article/view/1558>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

SERRA, D.C.G. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos**. 2004. Dissertação de Mestrado em Educação, Centro de Ciências e Humanidades - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

STELZER, Fernando. **Uma pequena história do autismo**. São Leopoldo: Pandorga, 2010.

TJSP participa de ações no mês de conscientização sobre o autismo. **Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo**, São Paulo, 01 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.tjsp.jus.br/Noticias/Noticia?codigoNoticia=64708>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

UM RETRATO DO AUTISMO NO BRASIL. São Paulo: USP, Edição 170. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=um-retrato-do-autismo-no-brasil>>. Acesso em: 10 dez. 2021.